

*

Este castro ou cidade, no seu conjunto, e no estado em que por ora o conhecemos, não difere do geral dos *oppida* lusitano-romanos, visto que nele se vislumbra já um pouco da civilização do povo-rei.

J. L. DE V.

A Pedra d'Anta ou um monumento megalítico na Beira-Baixa¹

SUMÁRIO. — Localização. — Estado de conservação. — Aspecto exterior e constituição. — Petróglifos. — Orientação. — Processo e resultado da exploração. — Natureza do espólio: contas de colar, artefactos de pedra polida, sílices lascados, percutor, simulacros de pontas, cerâmica. — Caracterização. — Aditamento: duas antas destruídas.

Em Maio de 1904 fazia eu a minha segunda excursão à Beira Baixa, ou melhor à «campanha» da *Idanha*, com o fito de explorar um monumento megalítico que o bom prior de *Medelim*, Rev.^{do} José Joaquim da Costa, me tinha denunciado.

É com o relatório dessa exploração, que venho preencher algumas páginas do presente volume d-*O Archeologo Português*.

O referido monumento é conhecido na região com o apropriado locativo de *Pedra d'Anta* (Pedra da Anta) e está situado entre *Medelim* e *Idanha-a-Velha*, fronteiros de *Monsanto*, sôbre um caminho que ligava as duas povoações e à esquerda, quando se viajava do primeiro para o segundo povo, numa pequena eminência do terreno, donde aliás se descobre um largo horizonte. Na *Archeologia do distrito de Castelo Branco*, Tavares de Proença Júnior diz (p. 10) que também lhe chamavam *Anta Grande*, por opposição a outro monumento conhecido por *Anta Pequena*. Administrativamente, pertence ao concelho de *Idanha-a-Nova*.

Desejando-se uma referência à Carta Geodésica, a situação d'este megálito determina-se, procurando um ponto próximamente a SE.—S.,

¹ Êste estudo pertence à série do mesmo autor *Ruínas de Ruínas* ou *Estudos Igeditanos*, e tem o n.º V.

1:000 metros em linha recta do marco da *Barriga*², e a sua distância recta ao mar é de 150 quilómetros. Antes de prosseguir, deverei esclarecer o leitor, informando-o de que, no distrito de *Castelo Branco* a que pertence esta região, Tavares de Proença menciona 86 antas; a existência, pois, d'êste dólmen não é um caso isolado (*Archeologia do distrito, etc.*, por Tavares de Proença).

*

O estado, em que encontrei êste grande dólmen, era o seguinte: uma enorme laje de granito obliquamente pousada sôbre alguns



Fig. 1

suportes de pedra partidos transversalmente, mas de forma que o interior da cripta se apresentava acessível. Suponho que foi o tamanho desta pedra que suscitou o locativo indicado. As outras pedras, em parte enterradas, não feriam a atenção de ninguém. *Anta* era a denominação consagrada de monumentos megalíticos, e por isso: a *Pedra da Anta*. Representam essa disposição as figs. 1 e 2: a primeira é a reprodução de uma fotografia, que fiz alguns

² O prédio em que está situado era do Ex.^{mo} S.^{or} D.^{or} Seabra, da *Idanha-a-Nova*. Cumpre-me agradecer a Sua Ex.^a a pronta licença que obtive para a exploração, por intermédio do Ex.^{mo} S.^{or} D.^{or} João Baptista Meirelles Leão.

meses antes de começar o trabalho da exploração (18 de Novembro de 1903) e a segunda de um desenho, que executei no primeiro dia de trabalho (22 de Maio de 1904).

Na fotografia, tirada de SO., vê-se à direita uma das pedras da galeria; a meio, onde se encontravam dois amigos meus⁴, levanta-se

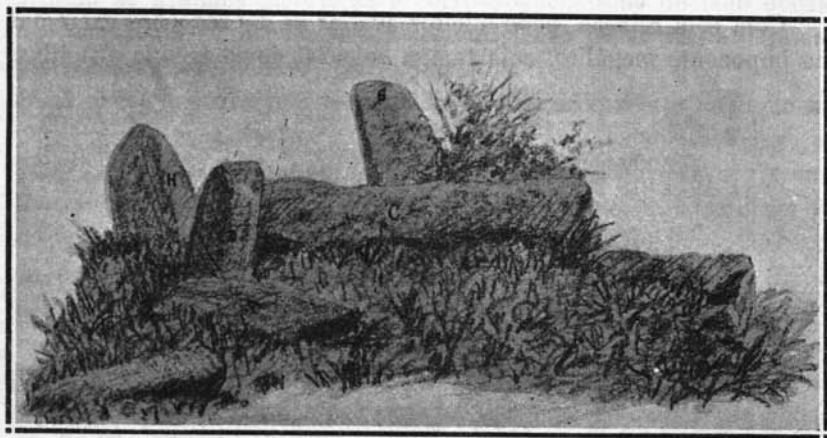


Fig. 2

um dos umbrais da entrada própria da cripta: o da esquerda, de cujo cimo desabara a grande laje de cobertura, que se vê mais à esquerda, com a inclinação que apresentava. A pedra da galeria é designada por *D* nas figuras seguintes; a do meio é indicada pela letra *H* nas mesmas ilustrações.

A fig. 2 é uma vista da galeria, antes da sua desobstrução, com as umbreiras *H* e *G* no segundo plano, inclinadas para a esquerda; o longo esteio *D* em escôrço; as pedras *A* e *B* da entrada da galeria e a pedra de capeamento *C* da galeria, pedra tombada transversalmente sôbre o entulho que obstruía o monumento. Como se infere

⁴ Eram: o da direita, Aurélio Pinto Tavares Castelo Branco, já falecido infelizmente. Com íntima saúde relembro o seu bom nome, a sua leal camaradagem como funcionário que foi da Biblioteca do Congresso e a sua bizzarria e dedicação, quando eu fui seu hóspede em Val-de-Prazeres, um carinhoso e soberbo solar da Beira Baixa, e ele foi meu introdutor em casas daquela província; a êste meu óptimo amigo me referi já em *O Archeologo Português*, com expressões do meu reconhecimento. O da esquerda, o Rev.^{do} Cónego da Sé do Pôrto, José António Pereira, que então conhecia pela primeira vez e de quem conservo as mais penhoradas recordações; era então Sua Rev.^{ma} Pro-Vigário de S. Tomé.

da planta visível na fig. 3, esta anta é um exemplar característico da arquitectura dolménica, mais difundida no Sul do que no Norte de Portugal, e que se define por um corredor ou galeria de acesso a uma câmara ou cripta circular ou poligonal.

*

Com esta relação, pode o leitor avaliar as depredações exercidas no imponente megálito, cuja tampa colossal devia atingir primitiva-

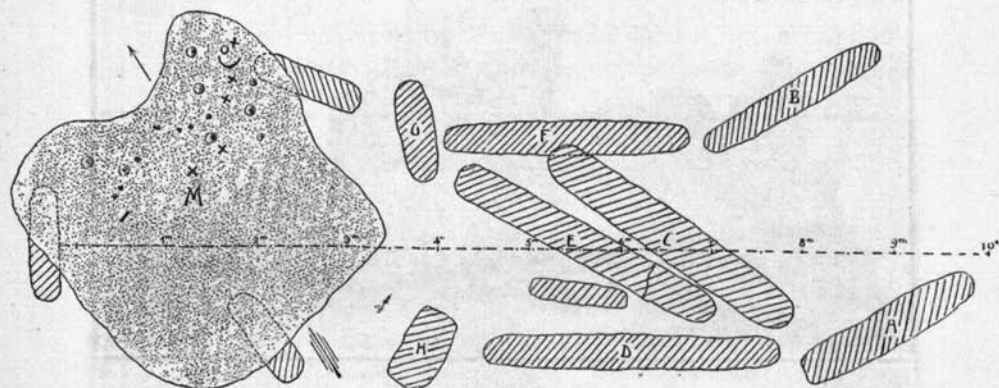


Fig. 3

mente o nível superior dos dois pilares *H* e *G*, da altura de 2^m,70, como umbreiras que eram da entrada da cripta e cujo cimo ficava em nível superior ao dos esteios laterais da galeria em 1^m,15.

Esta circunstância parece original e permite supor que dessa diferença de nível resultaria uma abertura, que deveria estar obturada por algum calhau quando acabado o monumento e teria de altura 0^m,60 aproximadamente. A distância de um ao outro desses suportes era de 1^m,40, enquanto a largura da galeria é de 2^m e 2^m,40 nos esteios deslocados, que são os primeiros; os dois constituíam uma porta ciclópica com o vivo de 2^m,50 × 1^m,40.

Este estreitamento era quasi geral nas antas de Pavia, produzido ainda por duas pedras ou pilares situados à entrada das respectivas criptas¹. O dólmen de *Agualva* tinha também a entrada da câmara estreitada a 1^m,50², com uma disposição muito semelhante à da anta que vou estudando. Nos monumentos de *dromos* e pequenos materiais, como em *Alcalar*, encontram-se também estas passagens mais estreitas.

¹ D.^{or} Vergílio Correia, *El neolítico de Pavia, passim*.

² Carlos Ribeiro, *Estudos Prehistoricos em Portugal*, II, 67.

Na sua queda ou deslocação, a enorme laje deveria ter descrito um movimento giratório de desvio da posição normal, como é fácil verificar inspeccionando a planta do monumento (fig. 3), pois que apresenta um ângulo saliente para o meio da galeria. Tal desvio deve ter-se produzido da direita para a esquerda, arrastando nesse sentido as grandes umbreiras e correspondendo-lhe do lado oposto um desvio da esquerda para a direita. Deve pesar ainda algumas toneladas este formidável pedregulho!

A mesma pedra tem a um lado uma grande reintrância que me pareceu ser obra do homem, do construtor ou do violador, este no intuito de facilitar o saque. ¿Será então meramente casual a circunstância de ser na margem dessa entalhadura que se encontram as insculpturas que a fig. 3 mostra? ¿Ou haverá alguma correlação entre os dois factos? Hesito na resposta, emquanto não fôr decifrado o enigma dessas gravuras.

Como se pode notar na fig. 1, esta laje não está horizontal, mas oferece um plano inclinado. ¿Seria por efeito de desabamento? O que é facto, é que o nível superior dos suportes sobre que pousa, se tem a altura primitiva, está ainda abaixo do dos esteios do corredor da entrada! Teriam sofrido mutilações? A inclinação da cúpula das antas não é facto que não tenha repetições e por isso pode também prever-se a hipótese, no caso presente, de ser uma disposição originária. Refere-as Déchelette¹, acrescentando que não se devem confundir com os casos em que os monumentos sofreram ruína. Na *Introdução á Archeologia da Peninsula Iberica* (p. 84), de Filipe Simões, também se mencionam dois dólmenes na *Espanha*, com a cúpula descaída. Em Portugal ignoro se têm sido verificados casos de inclinação originária da cobertura das antas.

Debaixo da cúpula da anta, de que me ocupo, faltam decerto os esteios precisos para completar o circuito da cripta; deles não encontrei vestígio. Isto também permite supor que eram relativamente pouco pesados.

Não é admissível a hipótese de que a lapa que constitui o tecto, tampa, taça ou cúpula do megálito não fôsse suportada, do lado da galeria, pelas duas elevadas umbreiras, que formavam a passagem daquela para a cripta². ¿Se o não fôsse, para que serviriam

¹ *Manuel d'Archéologie Préhistorique*, I, 376.

² Usam alguns autores o termo, já quasi consagrado, *mesa* para designar a pedra ou pedras que protegem a cripta, e vem já de Mendonça e Pina o designativo. Não acudo muito a esta tecnologia,

as dimensões dêsses grandes calhaus? ¿Para emergir, sem utilidade, acima da construção? Penso que seria um factó ilógico em antas. O que me parece pois, é que esta anta pertence a um tipo em que a cobertura da câmara sobrepujava o nível do capeamento da galeria. Mas ainda assim, tam acentuados desnivelamentos não posso deixar de os atribuir em parte às depredações praticadas.

No decurso dos trabalhos de desentulho, pude observar que êsses monólitos assentavam directamente sôbre a piçarra de textura lamelar do subsolo, tendo a sua base, principalmente da pedra *H*, sido reforçada por calços de pedra introduzidos na rocha, e encobertos pela camada de barro que pavimentava o monumento.

Esta circunstância indica, segundo me parece, que para o equilibrio de tais pedras era necessária a existência de um *tumulus* de terra, a que se encostassem. Mesmo dentro da cripta, o subsolo não foi escavado; o monumento não tinha em rigor alicerces.

Reconheço que estou raciocinando em um campo de hipóteses, mas, até prova em contrário, suponho-as verosímeis. As pedras *A* e *B* firmavam-se também directamente na rocha quasi à flor da terra, sucedendo o mesmo com os outros esteios, um dos quais estava soerguido por calços, certamente para atingir determinada altura.

porque era por se considerarem altares célticos os dólmenes, que à laje, que os cobria, se deu a denominação de *mesa* em português. «Vi ... um altar levantado com sua mesa em cima»; «uma grande pedra que é a mesa do altar»; «a pedra da mesa do altar»: são três expressões do D.^o José Gaspar Simões, que Pereira da Costa transcreveu com outras de um *Manuscrito* da Biblioteca de Évora, datado de 1761. Para altar, o termo técnico é realmente *mesa*. É certo que *table* em francês designa tanto a pedra que serve de cúpula à cripta, como de cobertura à galeria, mas o vocábulo *mesa*, que é a mais pronta tradução de *table*, satisfazia as ideas dos celtómanos, applicando-se à *table* da câmara, se bem que possa suscitar-se uma explicação metafórica (*O Arch. Port.*, XIX, 179). E daqui provém o meu desamor a semelhante expressão. Acresce que, em alguns monumentos nacionais e estrangeiros (*Marcela, Arrife, Matarrubila, Romeral, New-Grange*, etc.), têm sido encontradas pedras rituais, a que com mais propriedade se tem chamado *mesas*. E daí maior confusão. Veja-se *Revue Archéologique*, 1893, I e II; artigo de S. Reinach.

Carlos Ribeiro empregou *capeamento*, bom termo que corresponde a *cápea* do subdialecto alto-minhoto. Em Pavia, o D.^o Vergilio Correia recolheu *capêlo* do falar dos camponeses, expressão que me parece muito satisfatória e boa linguagem; diz-se, por exemplo, o *capêlo* de um moinho de vento (Ericeira). *Cobertoira* também já ouvi no Alto-Minho.

Junto das pedras que compunham este monumento, tanto na galeria como na câmara, havia terras acumuladas, as quais seriam os restos dêsse *tumulus* primitivo que ocultava a construção e, ainda nos nossos dias, encobria os seus fundamentos.

¿Como se explicaria a situação e o nível em que se encontrava o calhau *C* das coberturas da galeria, pousado sobre uma considerável espessura de terra, se não supuséssemos esta proveniente do aluimento da que constituía a mamôa? Se não fôsse esta causa, a referida pedra teria jazido sobre o pavimento da própria galeria.

O aparecimento de *tegulae*, tejos e vidros nas camadas mais internas do monumento, creio que se deve atribuir à existência e permanência de um cômodo de terra, sobre o qual pode ter havido até alguma antiga habitação ou cabana.

Os lados da galeria são constituídos por calhaus compridos, colocados de cutelo, como se verifica especialmente na fig. 1. O resultado desta disposição era a diferença de nível muito acentuada, que deveria apresentar a elevação do capeamento da cripta, comparado com a das câneas do corredor.

Suspeitei que algumas pedras tinham sofrido algum desbaste sobre as faces da espessura no intuito de alinhar, endireitar ou regularizar essa face; tornou-se essa suspeita uma quasi certeza na correspondente face interna da umbreira *G*. E mesmo com os limitados, mas brutais recursos dos aliás ousados construtores de um megálito como a *Pedra d'Anta*, à custa de fortes pancadas dirigidas alternadamente na face da espessura de uma laje, era possível conseguir gradualmente o seu desbaste.

Mas já o S.^{or} D.^{or} Leite de Vasconcellos⁴ reconheceu que as pedras dos megálicos podiam sofrer algum aparelho. O illustre pre-historiador alemão H. Obermaier admite que a mesa ou pia do dólmen de *Matarrubila* (Sevilha) foi escavada com martelos de pedra e alguns esteios do dólmen de *Soto* (Huelva) foram lavrados. Uma das pedras da sepultura da época de cobre da *Água Branca* (*Portugalia*, II, 241) tinha cõvinhas em ambas as faces e afirmou o seu investigador, D.^{or} José Fortes, que foram feitas com utensílios de pedra.

*

Os petróglifos da *Pedra d'Anta* são, como os próprios dêstes monumentos, de desenho simples: seis cõvinhas ou escudelas maiores

⁴ *Religiões da Lusitania*, I, 257, e *O Arch. Port.*, x, 28.

e nove menores e pouco perceptíveis; «poças» chamou um dos trabalhadores. Além disto, cinco figuras ou sinais cruciformes, fazendo um destes parte de um grupo constituído por um meio-círculo gravado e um círculo menor ou anel, como se fôsse um pequeno *O* incluso de um *C*, mas excêntricamente. O pequeno traço, que se vê à esquerda deste agrupamento de insculpturas, talvez também lhe pertença. Salta à vista o facto de as gravuras occuparem apenas uma metade da superfície do capelo. Pareceram-me autênticas todas. As cruces, simbólicamente, são consideradas como figuras constitutivas do grupo gráfico, que tem por antepassado comum o disco ou roda solar. Mas não posso deixar de citar o confronto dos glifos da anta medelinense com os dos rochedos da *Vendeia* (França), onde precisamente se encontram a cruz e o círculo associados. (*Manuel d'Archéologie Préhistorique*, por J. Déchelette, I, 591 e 615, e II, 457).

Grupos de escudelas, menciona-os Cartailhac na anta do *Paço da Vinha* e na de *Paredes*, os quais occupam a face zenital da cúpula da cripta como em *Medelim*¹ e uma gravura anulariforme, na anta do *Freixo*. Factos análogos repetem-se no grande campo de antas do concelho de *Pavia*, onde algumas tampas estavam gravadas de còvinhas na face superior, por exemplo, na anta da *Jordana*. Não precisamente no capêlo, mas nos esteios de um dólmen espanhol (*Navalito* em *Lumbrales*) existem escudelas e figuras cruciformes, ao que nos conta o P.^o C. M. Bardon, no *Instituto* de 1926, p. 471, em artigo intitulado «Prehistória de Salamanca»².

A presença de insculpturas não está em conflito com a existência do *tumulus* ou mamôa: em primeiro lugar, porque a superfície exterior do capêlo podia ficar a descoberto; em segundo lugar, porque não é absurdo pre-histórico supor que êsses petróglifos, acabado o monumento, permaneceriam ocultos pela terra da mamôa.

Nas *Religiões da Lusitania* (I, 276 e 364) apontam-se antas em que as còvinhas eram interiores. Em *Pavia*, um esteio de uma anta estava gravado de quarenta escudelas pre-históricas.

¹ *Âges Préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, pp. 175, 176 e 169. Cf. D.^o Leite de Vasconcellos, *Religiões da Lusitania*, I, 365 e 385.

² Algumas vezes a cruz numa pedra pode ser baliza de freguesia; uma data ou letras como baliza, vêem-se em orcas de Sâtão (*Religiões da Lusitania*, I, 255). A menção da cruz encontrei-a no antigo tombo da freguesia de *S. Salvador (Arcos de Valdevez)* gravada em penedos pelos demarcadores do sec. XVI.

Em uma anta do concelho de *Idanha-a-Nova*, notei uma escudela ou còvinha, que decerto não era visível durante a utilização própria do monumento sepulcral¹. Na sepultura da *Água Branca*, constituída por pedras brutas, havia escudelas em ambas as faces de uma pedra e que permaneciam ocultas. E poderiam citar-se mais casos desta natureza.

De antas espanholas, também se referem *hoyos* hemisféricos. Isto demonstra que as gravuras são coevas do uso do monumento.

F. Tavares de Proença, nos seus *Materiais, etc.*, 1910, I, 9, descreve a *Anta dos Pucarinhos* (Portalegre), cuja planta e cúpula com escudelas são de notável analogia com as que estudo neste lugar.

*

A fig. 3 representa a planta aproximadamente cotada e orientada do megálito, cujas dimensões se exprimem pelos seguintes algarismos².

| Pedras | Comprimento | Altura | Espessura | Largura |
|----------------------|--------------------|--------------------|--------------------|--------------------|
| A | 2 ^m ,10 | 1 ^m ,05 | 0 ^m ,45 | — |
| D | 3 ,30 | 1 ,40 | 0 ,35 | — |
| H | — | 3 | 0 ,50 | 0 ^m ,90 |
| B | 2 ,20 | 1 ,39 | 0 ,35 | — |
| F | 2 ,70 | (a) 1 ,40 | 0 ,25 | — |
| G | — | (b) 2 | 0 ,40 | 1 ,10 |
| C | 3 ,20 | 1 | 0 ,50 | — |
| E | 3 ,20 | 1 | 0 ,40 | — |
| M | 3 ,30 | — | — | 3 |
| Galeria | 6 | — | — | 2 |
| Eixo total | 10 ,20 | — | — | — |

(a) A altura tomada dentro da galeria era de 1^m,22.

(b) A altura total era de 2^m,70.

¹ Em um ponto que fica a 15 quilómetros ao SSE. d'este megálito, visitei pela mesma época, junto à *Granja de S. Pedro do Aravil*, em uma propriedade chamada *Terras de Ereus* (limites de *Alcafozes*, concelho de *Idanha-a-Nova*), outro, que era conhecido do dono do terreno em que se encontra, o Ex.^{mo} S.^{or} Sebastião José Conde.

² A planta d'este megálito foi traçada apenas com o auxílio de uma pequena bússola portátil e uma fita métrica. O desenho

Todas as pedras dêste respeitável monumento são de granito; há-o na região, se bem que a zona, em que êle foi construído, era de transição entre rochas graníticas e xistosas. Como nas antas do concelho de *Castelo de Vide*¹, a contextura fissil desta espécie de granito facilitaria a extracção dos grandes lascões, que formam êste monumento e cuja espessura varia de 0^m,25 a 0^m,50.

A orientação averiguada pela bússola, segundo o alinhamento do eixo da galeria, ficava compreendida entre 120°-135°, isto é, quasi SE.-NO., o que indica um desvio do nascente para o sul.

A entrada do dólmen de *Montabrão* era para nascente e a do monumento próximo da *Estria* olhava para o poente; mas Carlos Ribeiro subordinava esta orientação a condições petrográficas do solo que, na direcção de ENE.-OSO., oferecia uma faixa de calcáreo mole e terroso. Análogamente sucedia com o dólmen de *Agualva*, da mesma região. Nos monumentos de *Pavia* dominava o ádito no rumo ESE. Os três dólmenes de *Monte-Velho* (*Portimão*) tinham orientação independente de rumo, porque as suas entradas e corredores olhavam a um centro comum.

*

Passo agora a descrever os processos e achados da exploração.

Encontrando-se destapada a galeria, era possível averiguar-se a natureza do entulho que a enchia, abrindo, ao longo dela, uma estreita vala de sondagem, que permitisse examinar a existência e qualidade de estratos, se os houvesse. Foi êsse o meu primeiro cuidado.

O remeximento e confusão dos depósitos eram completos, não havendo pois inconveniente em alargar a vala a toda a largura da galeria. Procedendo a êsse trabalho, até atingir o pavimento desta, cujo nível era o mesmo que o de fora, detive-me junto da pedra *C*. Resultou desta desobstrução o achado de uma pequena pedra achatada, um fragmento cerâmico de tipo pre-histórico e dois de teijolos romanos ou post-romanos e uma bela ponta de lança ou dardo de sílex com o bico partido, uma parte notável de uma tigelinha esférica, um pereutor discóide, vários outros calhaus com o duvidoso aspecto de pereutores, uma tigelinha completa (estes restos situados

da laje e a posição relativa das insculpturas foram obtidos, quadriculando a traços de côr a superfície da pedra com quadrados de 0^m,40 de lado, que foram numerados, reproduzindo no papel o traçado assim obtido com a escala de 2^m = 0^m,030.

¹ Pereira da Costa, *Descrição de alguns dolmens ou antas*.

na base do esteio *B*), pedaços de um pavimento de barro amassado e batido e calhaus rolados, que só podiam ser trazidos do Ponsul, distante 6 quilómetros, tal como acontecia no dólmen de *Montabrão*, no monumento do *Monge* e na sepultura da *Fôlha de Barradas*, presumindo Cartailhac que elles serviam para encobrir o cadáver.

O aparecimento de um vaso inteiro, artefacto muito frágil, se bem que de pequenas dimensões, dentro de um monumento violado, parece-me demonstrar que a expoliação nesta parte teria sido apenas uma única e posterior ao emprêgo dos tejos, pois que estes proviham do fundo.

No prosseguimento da escavação, o pedregulho *C* (veja-se a fig. 2) foi tombado, para desembaraçar o trabalho, e os objectos encontrados no âmbito da galeria foram os seguintes: um pedaço de escumalho de forja; um fragmento triangular de faca de sílex, da qual se encontrou também o fragmento complementar; outra tigelinha, quasi intacta, de barro; um machado de pedra, *malho*, no dizer local, quasi à superfície, outro junto da pedra *F*; seixos rolados com as saliências contundidas, que parecem ter servido de percutores; e alguns pedaços de *tegulae* na camada superior da terra remexida.

O pavimento da galeria devia ter sido constituído por uma camada de barro amassado ou apisoado, que parecia ter a espessura de 0^m,40 nalguns pontos, e sobre o qual caíra uma das cápeas (*E*) da galeria. (Veja-se a planta da fig. 3). Este barro continha alguns calhaus rolados, inteiros e partidos, e destinar-se-ia a regularizar o pavimento da galeria.

Quando a escavação chegou à pedra *E*, notei uma circunstancia que não posso passar em silêncio. Essa cápea estava fracturada, mas poderia ser coevo da construção o acidente, porque junto dela, e derrubada na mesma direcção, jazia uma pedra ou tósco esteio de xisto em correspondência com a fractura e portanto desigualmente afastada dos lados do corredor. Essa pedra tinha aparentemente servido para escora da cápea fendida, precisamente no sítio da fractura, tendo caído com ela; media de altura 1^m,10. Este expediente recorda a disposição empregada na *Cueva de Menga* (*Antequera*), no dólmen de *Soto*, e no monumento de *Bagneux* (*Saumur*), para suportar o capeamento da galeria¹. Outra explicação poderia

¹ *El dolmen de Soto*, por H. Obermaier, e *Arquitectura tartesia: La necropoli de Antequera*, por M. Gomez Moreno, pp. 83 e 119, n.º 37.

encontrar-se na hipótese de a anta ter servido de cabana em épocas posteriores e ter sido necessária aquela reparação.

A altura dos esteios laterais da galeria, a contar do pavimento de barro, era de 1^m,20. A fig. 4 representa o aspecto da galeria à entrada da cripta, depois de terminado o trabalho da desobstrução daquela. É bem visível a diferença de nível dos esteios *D* e *F* para



Fig. 4

os umbrais da cripta *H* e *G*, adiante dos quais jaz derrubada a pedra de cobertura desta.

O pavimento da galeria parecia descer na direcção da cripta, mas dentro desta o remeximento e a desordem eram tam grandes que não é possível fazer uma afirmação segura quanto ao seu nível relativo; a piçarra natural do cabeço não foi atacada em ponto algum, tendo-se extraído talvez apenas alguma camada de terra superficial. Da galeria retirou-se mais uma tigela quasi inteira e mais uma ponta triangular de seta.

A exploração interior da cripta produziu alguns ossos em fragmentos, um pedaço de faca de sílex; metade de uma conta oblonga de ribeirite; outra inteira de bela côr verde, um raspador de quartzo; um pedaço grande triangular de xisto, como se fôsse uma lâmina de lança; uma ponta triangular de seta feita de uma faca partida; uma aguçadeira de instrumentos; junto do esteio *H*, uma

ponta farpada de seta e alguns ossos; no barro um pedaço de vidro esverdeado, o que demonstrava a violação daquela camada, que forneceu ainda uma pedra de amolar, um óptimo raspador de sílex, uma faca quebrada de secção triangular; objectos estes que adiante vão representados.

O aproveitamento dos recintos das antas para habitação ou abrigo pode ter-se dado em tempos antigos e esses restos anacrónicos revelarem as épocas desse successo. Ainda hoje algumas antas do poliândrio do *Mezio* (*Arcos de Valdevez*) servem de esperas em batidas venatórias. Para Cartailhac, a perfuração da anta da *Candieira* demonstrou a utilização do monumento para cabana de pastor¹. Discorda deste parecer o S.^{or} D.^{or} Leite de Vasconcellos². Pereira da Costa pensou que algumas antas de *Castelo de Vide* foram cabanas improvisadas ou abrigos transitórios de pessoas (e até animais). O D.^{or} Vergílio Correia refere também antas, em que os pastores do aro de *Pavia* se alojavam; uma delas transformada em capela de S. Denis (*O Arch. Port.*, xv, 321, e *El neolítico de Pavia*, p. 58). E por fim o S.^{or} D.^{or} Leite de Vasconcellos enumera autores, como Santos Rocha, Estácio da Veiga e Martins Sarmento, para os quais estas hipóteses eram correntes. Todas estas utilizações, além de outras que passo em claro, deviam deixar os seus espólios característicos no interior dos monumentos. Dêstes factos procede que não deve surpreender o achado de objectos anómalos dentro de antas.



Fig. 5

Exteriormente, as terras das violações produziram: uma ponta de seta, fragmentos de facas, um caco de cerâmica de tipo aretino, um pedaço de mó giratória, outro de trituradora, e um lindo fragmento de faca de sílex.

Dos entulhos exteriores surgiu também, de localização indeterminada, uma pequena *chapa metálica*, com a espessura de 0^m,005, o comprimento de 0^m,025 e forma trapezoidal, que talvez seja o fragmento central de um machado liso de cobre ou bronze. Só a análise química do metal o poderia afirmar; mas um único fragmento é base incerta para conclusões. (Tem o n.º 9:146 do Catálogo). Fig. 5.

¹ *Les âges préhistoriques, etc.*, por E. Cartailhac, p. 171.

² *De terra em terra*, II, 165.

Além d'êste espólio, recolhi outros objectos de que não mencionei especial localização, mas dos quais vou também occupar-me.

*

Referir-me hei pois, agora, a cada um dos artefactos recolhidos neste monumento, começando pelos utensílios de pedra polida, depois continuando pelos de sílex talhado, para terminar pelos de cerâmica¹.

De pedra são ainda as duas contas (figs. 6 e 7), uma das quais reduzida a metade por uma antiga ruptura longitudinal. Esta é de côr verde esbranquiçada, forma subcilíndrica e orifício bicónico, fractura compacta, aspecto opaco, comprimento 0^m,028; diâmetro 0^m,014 (tem o n.º 9:128 do Catálogo). A conta inteira é uma jóia surpreendente pela sua côr verde forte, ainda hoje cheia de frescura e de brilho; a forma é olivar e o canalículo bicónico; comprimento 0^m,022 e diâmetro 0^m,018. (Catálogo n.º 9:129)².

O meio mineralógico em que estes artefactos têm permanecido dentro de um monumento construído numa zona de granito, não alterou a côr destas jóias, como succedeu com as que Estácio da Veiga, Carlos Ribeiro e Marques da Costa exumaram nos hipogeus de Algarve e da Estremadura. Por isso a côr verde, que caracteriza a rocha, que as constitui, conservou-se inalterada durante os milénios transcorridos, em contacto com as terras envolventes. É sabido que o S.^{or} A. Bensaúde, não concordando com a determinação proposta de calaite e *callaïs*, sugeriu para estas jóias a de ribeirite, em homenagem a C. Ribeiro³.

A estes minerais, que parece reduzirem-se a variedades da mesma rocha, é geralmente attribuída origem exótica, dizendo H. Obermaier

¹ Não appareceu chapão ou placa de lousa, como se vê. O local desta anta encontra-se na região, que se pode considerar limite setentrional da geografia daqueles artefactos, segundo a carta respectiva, publicada em *O Arch. Port.*, XI, 342. Medelím pertence a *Idanha-a-Nova* administrativamente, ficando-lhe a 18 quilómetros ao Norte.

² São do Sr. Francisco Valença as inexcédiveis aguarelas a côr que serviram para esta illustração, bem como os outros desenhos a traço.

³ Veja-se *Note sur la nature minéralogique de quelques instruments de pierre, etc.*, e *De l'emploi de la Callaïs dans l'Europe Occidentale*, por Cazalis de Fondouce, in *Congrès Intern. d'Anthrop. et d'Archéol. Préhist.*, de 1880, bem como a *Noticia de algumas estações e monumentos prehistoricos*, por C. Ribeiro, p. 53, e de E. Cartailhac, *op. cit.*, p. 130.



Fig. 6



Fig. 7

que as contas desta natureza chegavam à península ibérica por via comercial, provenientes *indiscutivelmente* do Norte da Europa. Deve porém recordar-se que é, nos monumentos do Sul e centro de Portugal, que estas jóias aparecem, e até com abundância. Pelo contrário, Cazalis de Fondouce pensava que era ao Oriente asiático que o comércio as ia buscar, o que melhor explicaria a área da sua dis-

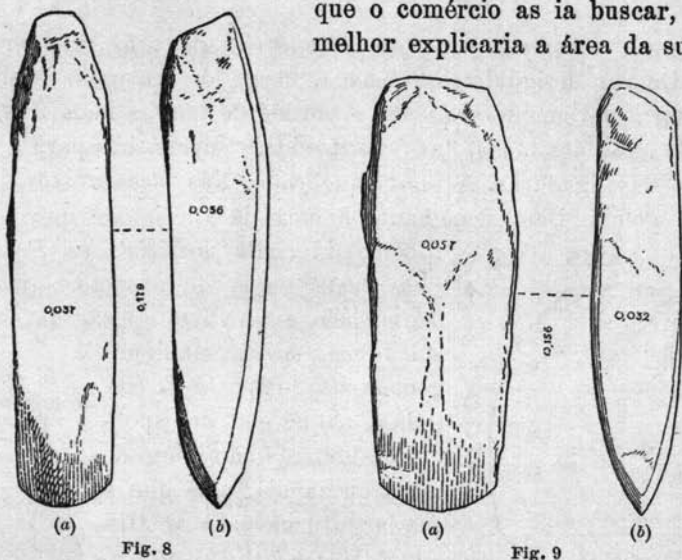


Fig. 8

Fig. 9

persão em Portugal. A incerteza destas origens permitiu que se chegasse a propor a explicação da multiplicidade de jazigos produtores desta rocha. Na França, a sua disseminação também é limitada a certas regiões. Se da sua conhecida e averiguada cronologia se pudesse inferir a sua origem e procedência, o problema não seria tam complexo como parece ser¹.

Os dois machados de pedra são do mesmo tipo, naviforme, embora um mais largo que outro, mas ambos alongados, de gume arqueado e cortante, bordos esquadriados, talão mais ou menos tôsko, de superfície polida superficialmente. As dimensões de um são: comprimento 0^m,179, largura 0^m,037, espessura 0^m,036; do outro: comprimento 0^m,156, largura 0^m,057, espessura 0^m,032 (n.ºs 9:131 e 9:132 do Catálogo). Figs. 8 a e b e 9 a e b.

¹ *De l'emploi de la Callais, etc.*, por Cazalis de Fondouce, in *Congrès Intern. d'Anthrop. et d'Archéol.*; *Manuel d'Archéologie Préhistorique*, I, 620, e *Essai sur la Chronologie Préhistorique de la Péninsule Ibérique*, p. 14, por J. Déchelette; *Impressões de un viaje, etc.*, por H. Obermaier, in *Boletín Arqueológico ... de Orense* n.º 149 (1923), p. 40.

Além destes colheu-se também uma pequena raspadeira de fibrolite, inteiramente polida e bem conservada. Mede de comprimento $0^m,037$; largura $0^m,33$; espessura $0^m,012$ (n.º 9:130 do Catálogo). Fig. 10. Todos estes artefactos estão intactos.

Magnífico exemplar de sílex lascado é o que a fig. 11-a representa. De côr desigualmente rosada, forma de triângulo isósceles, de contôrno levemente arqueado e bordos de facêtas lamelares, tem junto da base, dos lados, duas chanfraduras superficiais para o ajustamento das ligaduras. A ponta quebrada. Nas faces, restos de superfície polida. Bem semelhante a uma de Liceia, de que Carlos Ribeiro dá conta nos *Estudos Prehistoricos*, esta peça, de aspecto surpreendente, belo e artístico, apesar da simplicidade máxima de uma figura geométrica composta de três linhas, a que ela corresponde, designa-a como ponta de lança ou zagaia, pois que a sua largura na base ($0^m,076 \times 0^m,044$; n.º 9:126 do Catálogo) não é incompatível com o diâmetro de uma haste

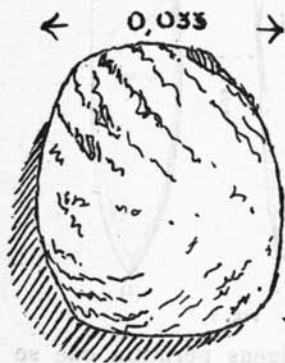


Fig. 10



Fig. 11-a

ou vara de madeira, onde se encabasse, acrescentando porém que artefactos bem semelhantes são tidos, por categorizados pre-historiadores, como destinados a um cabo perpendicular, e recebendo tais armas o nome de *alabardas*, isto é, verdadeiras machadinhas. Um bom exemplo destas é o sílex do monumento da *Serra das Mutelas* (*O Arch. Port.*, XIX, 214). Já Filipe Simões (*Introdução à Arqueologia da Península Iberica*, p. 54, fig. 34) achava possível este encabamento a modo de machadinha, a propósito dum artefacto subtriangular de calcáreo da *Cova da Estria*, com dois orifícios na base¹.

¹ De *Montabrão* refere C. Ribeiro uma magnífica arma de sílex com o comprimento de $0^m,167 \times 0^m,078$ e entalhos na base, em alinhamento oblíquo, relativamente ao eixo da peça, arma cujo encabamento é que poderia ser perpendicular ao mesmo eixo. Outra talvez com $0^m,144 \times 0^m,045$. N-*O Arch. Port.*, XXI, 185, menciona-se uma peça triangular de sílex, que talvez seja análoga à de *Mutelas*. Mas há decerto lapso na indicação das medidas pela gravura, que se diz ser $\frac{1}{3}$ do tamanho natural. É do museu de *Elvas*.

Na grande *Gruta da Galinha*, do concelho de *Tôrres Novas* (inédita), foi recolhida uma lâmina triangular de sílex com a dimensão de $0^m,070 \times 0^m,055$, para a qual o encabamento perpendicular seria na verdade mais adequado (n.º 6:598 do Catálogo)¹.

Por isso, não se pode contestar a possibilidade e até a probabilidade desses encabamentos em sílices de dimensões adequadas, tanto mais que existem, a fundamentá-las, artefactos metálicos com resquíços do cabo perpendicular, por exemplo, na estação espanhola de *El Argar*, se bem que também há punhais com largas fôlhas (Cartailhac, *op. cit.*, figs. 311 a 313); a hipótese, porém, parece um tanto ousada para peças pre-históricas, cuja forma moderadamente esguia se coaduna perfeitamente com uma haste de lança ou dardo; e é esse o caso da lâmina de *Medelim*².

Esta leve digressão não teve outro intuito, que não fôsse o de proteger a atribuição que dei à peça medelinese.

Sílices lascados da forma de lâminas cortantes ou *facas*, recolheram-se vários exemplares, dos quais apenas descreverei dois por serem melhor caracterizados. O artefacto da fig. 11-b (n.º 9:122 do Catálogo) é levemente encurvado; a sua secção é trapezoidal, o que o torna trifacetado, na base tem o concóide de percussão, a ponta partida e êle mesmo em 2 fragmentos; comprimento $0^m,083$ e largura $0^m,013$.

A faca representada na fig. 11-c (n.º 9:124 do Catálogo) é também levemente encurvada, trifacetada, bordos sensivelmente paralelos de aresta viva, na base o plano de percussão. Também em 2 fragmentos; comprimento $0^m,117$ e largura $0^m,015$.

Além destes, foram catalogados mais sílices deste tipo, com os n.ºs 9:118, 9:123 A e B, 9:125 e 9:127.

Pontas de seta de sílex foram encontradas duas de formas simples; triangulares ambas, uma de base acentuadamente côncava,

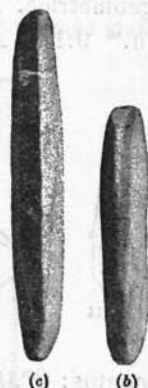


Fig. 11

¹ Quasi ao acaso dos mostradores do Museu Etnológico Português, encontram-se peças pre-históricas deste tipo de sílex provenientes de *Niza*, de *Cazevel*, da *Granja do Marquês (Sintra)*, etc.

² *Estudios acerca de los principios de la Edad de los Metales en España*, por H. Schmidt, trad. de P. B. Gimpera, p. 33 sgs., que reproduz algumas peças desenhadas por Carlos Ribeiro, classificando-as segundo o seu sistema.

outra de base rectilínea, um tanto irregular. Esta mede: comprimento e largura $0^m,016$; aquela, respectivamente, $0^m,024$ e $0^m,018$ (n.ºs 9:121 A e B do Catálogo). Figs. 12 e 13.



Fig. 12



Fig. 13

Curiosos sílices são os representados nas figs. 14 a 17. São 4 fragmentos de lâminas ou facas trifacetadas, seccionadas transversalmente em forma de trapézio irregular, o que não os inibe de serem apelidados sílices de contôrno geométrico. As suas dimensões são, pela ordem da sua catalogação (n.ºs 9:120 A, B, C e D), as seguintes respectivamente: compri-



Fig. 14



Fig. 15



Fig. 16



Fig. 17



Fig. 18

mentos: $0^m,020$; $0^m,023$; $0^m,027$; $0^m,023$; larguras: $0^m,007$; $0^m,015$; $0^m,011$; $0^m,015$. Estes artefactos têm a sua ascendência lógica em outros já do *Cabeço da Arruda*, que se lhe assemelham e que sobrevivem na anta da *Serranheira*, por exemplo. (*Les âges préhistoriques*, por E. Cartailhac, pp. 53 e 173).

É ainda digno de menção o pequeno e delicado artefacto de *silex* da fig. 18. É também talhado em uma porção de lâmina trifacetada, mas em forma de *segmento de círculo* ou D, com o bôrdo rectilíneo cortante e o circular retalhado verticalmente. Mede nas três dimensões: $0^m,0275$, $0^m,0155$ e $0^m,004$ (n.º 9:119 do Catálogo). Representante morfologicamente do raspador de *Moustier*, é todavia talhado em secção de faca neolítica.

A fig. 19 representa uma pedra discóide de quartzite, com as faces naturalmente lisas ou roladas e paralelas; os bordos arredondados, mas contundidos, e o contôrno grosseiramente circular. É um utensílio reclamado para o trabalho do *silex*, menos abundante com



Fig. 19

esta forma do que com a globular, que aliás também este megálito continha. Medem os seus diâmetros $0^m,093 \times 0^m,094$ e a espessura $0^m,023$. (N.º da catalogação: 9:133).

*

No acto da exploração d'este hipogeu, foram surgindo diante dos alviões dos cavadores algumas pequenas pedras achatadas, subtriangulares, que, pela uniformidade do seu aspecto, iam despertando a minha atenção. Represento a série encontrada na fig. 20. Consideradas em conjunto, não podia a sua forma atribuir-se ao acaso das

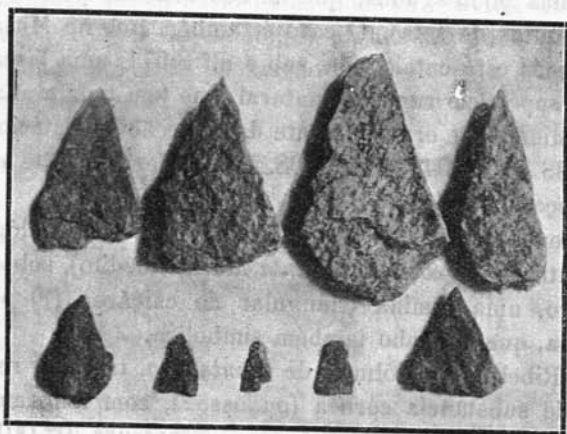


Fig. 20

fracturas. A clivagem da rocha xistosa de que se compõem, não explica a série tam homogénea no feitio e tam variada na dimensão, tanto mais que algumas são largamente pedunculadas. A rocha, de que são constituídas, é o xisto metamórfico dos terrenos câmbricos.

Anàlogamente ao que succede com o utensílio ou machado-arma, estes artefactos toscos, mas com ponta acentuada, mal poderão deixar de se considerar objectos votivos pelo seu simbolismo.

Do *Cabeço da Arruda*, um simile-machado era petrográficamente impróprio para uso, pois que um calcáreo saturado de conchas marinhas, frágil e com a espessura de $0^m,008$, era um instrumento inútil. Mede de comprimento e largura: $0^m,228 \times 0^m,060$.

Outro pseudo-machado cita Tavares de Proença da *Anta de S. Gens*, e deve existir no Museu da Comissão Geológica; é de calcáreo e sem gume (*Materiais*, I, 15); como outro do 8.º monumento

de *Alcalar*¹. Da caverna dos *Alqueves*, explorada por Santos Rocha nos subúrbios de Coimbra, procede um machado neolítico que é justamente simulacro.

É escusado amontoar mais referências ou citações de machados fabricados com substâncias impróprias para a sua utilização. Porque razão só o machado polido, na sua mais larga acepção, podia merecer essa atribuição cultural, quasi sagrada, de ser ex-voto? Por pleitearem a seu favor mais tradições?

Os autores portugueses não esclarecem o facto, tratando-se de outros artefactos pre-históricos. Santos Rocha, porém, explorando o 8.º monumento de *Alcalar*, encontrou também lascas brutas de sílex, algumas ponteagudas, que no seu conceito podiam ser simulacros de pontas de seta². O caso é também que no Museu Etnológico Português está catalogada, sob o n.º 8:571, uma lasca de pedra triangular, superficie rugosa e natural, que tem toda a analogia com o tipo medelinense, e era realmente da colecção de Estácio da Veiga. Mede 0^m,088 × 0^m,046 × 0^m,008. ¿Considerou-a este arqueólogo também lança simbólica?

Percorrendo a rica sala do Neolítico, no Museu Etnológico Português, encontra-se do *castro de Santa Marta* (inédito), sob o n.º 7:111 do Catálogo, uma lâmina triangular de calcáreo (?) polido e de ponta romba, que suponho também simbólica.

Carlos Ribeiro, no dólmen de *Montabrão*, também recolheu um artefacto, de substância córnea (ou osso?), com a forma de ponta de dardo ou seta e que, pela sua pouca espessura (0^m,0015) e natureza da matéria, não poderia ter tido utilização de trabalho; era obtusa a ponta e o comprimento 0^m,07.

Do dólmen da *Estria*, refere Carlos Ribeiro um objecto, em que vê um símbolo por ser reconhecidamente artificial, mas a que não

¹ Vid. também *El neolítico de Pavia*, pelo D.^{or} Vergilio Correia, p. 27 sgs., onde se menciona uma simili-acha de comprimento 0^m,215. Para o exemplar alcalarense (comprimento 0^m,053) vid. *Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha*, p. 40. A. Filipe Simões até capitula de machadinhas algumas placas de lousa ornadas, munidas de gume; na *Introd. á Archeol. da Penins. Iber.*, p. 52, fig. 31, dá um exemplo. A p. 48 refere três de calcáreo branco, dos arredores de *Mafra*.

² *Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha*, p. 40. Carlos Ribeiro (*Noticia de alguns monumentos e estações prehistoricas*), p. 65, refere do dólmen da *Estria* um artefacto triangular de xisto, polido, que pode ter sido um símbolo.

adivinha a utilidade. É uma lâmina triangular de xisto com a espessura de 0^m,004, lisa e sem orifício.

É do *Cabeço da Arruda* uma lâmina triangular, com as dimensões de 0^m,120 × 0^m,064 × 0^m,010 e de grés calcáreo, inadapável a qualquer trabalho. Os exemplos não faltam, mas também não abundam, para mostrar que, afora os machados de pedra, há outros artefactos, que são apenas simulacros daqueles que eram operativos.

Ter-se hão menosprezado os artefactos, a que me refiro, nas explorações das antas portuguesas, ou merecerá o monumento de *Medelin* o privilégio de prodigalizar uma série destes símbolos ou simulacros, singularizando-se desta maneira?

As dimensões destes curiosos achados (n.ºs 9:134-A a 9:134-E e 9:135-A a 9:135-D do Catálogo), alguns dos quais simbolizariam pontas de lança e outros pontas de seta, são pela ordem das suas dimensões as seguintes:

| Número de ordem | Comprimento | Largura | Espessura |
|-----------------|---------------------|---------------------|---------------------|
| 1 | 0 ^m ,091 | 0 ^m ,054 | 0 ^m ,011 |
| 2 | 0 ,076 | 0 ,032 | 0 ,011 |
| 3 | 0 ,070 | 0 ,050 | 0 ,010 |
| 4 | 0 ,059 | 0 ,038 | 0 ,007 |
| 5 | 0 ,040 | 0 ,025 | 0 ,007 |
| 6 | 0 ,039 | 0 ,035 | 0 ,005 |
| 7 | 0 ,022 | 0 ,015 | 0 ,004 |
| 8 | 0 ,020 | 0 ,014 | 0 ,003 |
| 9 | 0 ,019 | 0 ,011 | 0 ,002 |

Deve notar-se que não se trata de peças de acabamento perfeito de rochas utilizáveis, mas de outras que razões palpáveis denotam serem impróprias para uso, como, por exemplo, as dimensões; neste caso estariam os artefactos citados por Filipe Simões (*op. laud.*), pp. 42 e 101, e outros dos museus da Figueira e Castelo Branco, referidos por Tavares de Proença nos *Materiais*, I, 14.

Além das peças descritas, colheram-se também, ao acaso das cavadelas, lascas amorfas de quartzo hialino.

*

A cerâmica recolhida na exploração desta anta é pouco variada e destituída de ornamentação, como sucede com a grande maioria

dos espólios destes monumentos. Vasos semi-esféricos, alguns regulares, outros um tanto deprimidos, de pasta grosseira, oferecem curiosas analogias com os que J. Déchelette¹ reproduz do *Campo de Chassey* (França Oriental), especialmente os n.ºs 10 e 18 da

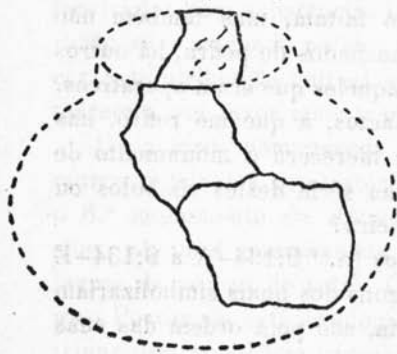


Fig. 21

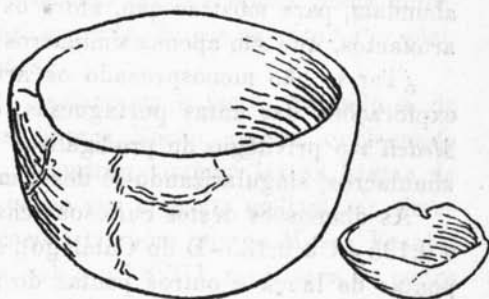


Fig. 23

Fig. 22

fig. 202. O vaso da fig. 21, de contôrno piriforme deprimido, reconstitui-se verosimilmente pelos dois fragmentos encontrados. É semelhante ao do *Serro do Castelo* (Algarve), figurado por E. Cartailhac, *op. cit.*, p. 213. O da fig. 22, pequena escudela, com 0^m,055 de diâmetro, é comparado por eminentes pre-historiadores (H. Obermaier) com as «côvinhas» ou gamelas insculpidas nas pedras dos dólmenes; analogias nas *Arcainhas do Seixo* e *Sobreda* (*Portugalia*, I, 13). O da fig. 23 é regularmente esférico; o anterior tem o bordo levemente reintrante. Por desgraça, o estado de conservação é mau, o que não deve surpreender pela sua antiguidade e pela fragilidade da pasta, onde abundam a areia e a mica e pelas violações.



Fig. 24

Devo notar, em todo o caso, que este monumento era pobre em cerâmica, mesmo que se compare com outros da região beirão, e se atenda aos fragmentos recolhidos. Destes, um revela uma forma menos pautada pelos tipos anteriores: é a que a secção correspondente deixa prever; fig. 24. Este vaso conserva ainda uma camada de fuligem e tem de espessura 0^m,006. Tal perfil é vulgar nos vasos da *Quinta do Anjo* (*Palmela*), se bem que estes tenham decoração incisa. Mas com o mesmo largo colo côncavo, procedem, com e sem ornato, alguns de sepulturas pre-histó-

¹ *Manuel d'Archéologie Préhistorique*, I, 555.

ricas de inumação do concelho de *Beja*, entre *Santa Vitória* e *Ervidel* (*O Arch. Port.*, XI, 179). A necrópole de cistas da *Baralha* (*Portimão*) produziu também vasos de colo côncavo, forma de que Santos Rocha encontra a origem já desde o tempo neolítico (*Boletim da*



Fig. 25

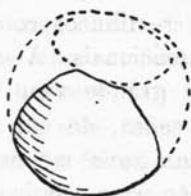


Fig. 26

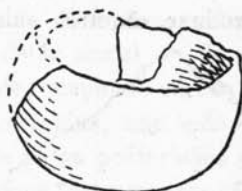


Fig. 27

Sociedade Arqueológica Santos Rocha, p. 57, est. II). A gruta das *Redondas* (*Alcobaça*) também continha vasos deste tipo, ao lado de utensílios de cobre (*Portugalia*, I, 433, est. XXI, fig. 182). Do poliândrio de *Panôias de Ourique* é também mencionado um vaso desta configuração de uma sepultura, em cuja tampa abundavam as cõvinhas (*O Arch. Port.*, XIII, 307). Do distrito de *Portalegre*, menciona Tavares de Proença a anta de *S. Gens*, que continha um vaso de colo côncavo e cõvinhas na tampa (*Materiais*, I, 16).

São dignos de registo, pela cronologia, os confrontos da tósca cerâmica deste monumento com os exemplares figurados por Santos Rocha na sua obra *Materiais para o estudo da idade*

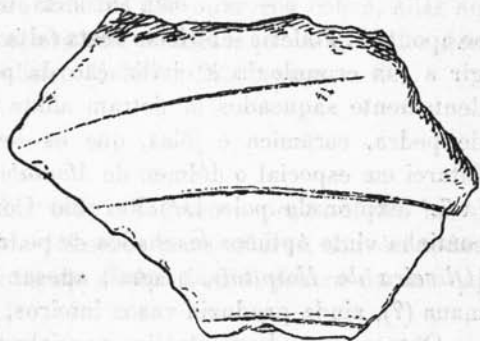


Fig. 28

do cobre em Portugal. O da fig. 21 é análogo ao vaso piriforme da fig. 28, est. IV, da necrópole dolménica de *Monte-Velho*. O da fig. 23 encontra o seu símile na fig. 50 da est. VII e fig. 83 da est. X. Com os das figs. 25 e 27 irmana-se o n.º 47 da est. VII. O da fig. 26 tem uma réplica no n.º 67 da est. VIII. Esta série de vasilhame algarvio foi extraída de três dólmenes calcolíticos de corredor que, parece, um só *tumulus* encobria, excepto o n.º 83 da est. X, que pertencia a uma cista de um poliândrio da plena idade do cobre.

Merece ainda referência, dentre as dezenas de fragmentos cerâmicos coligidos sem qualquer ornato, o que a fig. 28 representa,

e que três leves traços superficiais muito firmes distinguem. A pasta dêste exemplar é fina, com as partículas da mica trituradas; a superfície externa lisa, enquanto a interna desigual; 0^m,007 de espessura. Não juro que tenha parentesco com a anta.

Outro fragmento, que me interessou, foi aquele que a fig. 29 reproduz; são três sulcos rectilíneos coevos do fabrico e portanto



Fig. 29

intencionais. A espessura dêste fragmento de grande vaso é de 0^m,015. A pasta é arenosa, de côr parda interiormente, com uma zona menos escura do lado exterior. Não eram relativamente raros os fragmentos de vasos de avantajadas dimensões.

Temos pois, na *Beira Baixa* e em uma anta, cerâmica lisa calcolítica como a algarvia.

*

Nenhum objecto de cobre recolhi nos entulhos interiores dêste megálito. É vulgar esta ausência, mas alguns casos excepcionais se apontam. Poderia inferir-se desta falta que êste dólmen deve restringir a sua cronologia à civilização da pedra polida? Dólmenes evidentemente saqueados ministram ainda belos e abundantes espólios de pedra, cerâmica e jóias, que os seus violadores desprezaram. Citaroi em especial o dólmen de *Montabrão*, uma das antas de *Pavia* (a 7.^a explorada pelo D.^{or} Vergílio Correia) que, embora violada, continha vinte óptimos machados de pedra, e um megálito de *Sobreda (Oliveira do Hospital)*, o qual, apesar de profanado na época romana (?), ainda produziu vasos inteiros, pederneiras, etc.¹

Outros continham espólios parcialmente coevos de artefactos da época do cobre, tendo porém estes desaparecido. Um dólmen de *Andaluzia* encerrava ainda uma machadinha de bronze, segundo o autor da *Prehistoria de Salamanca*, o P.^e Moran Bardon².

Alguns distinguem-se ainda pelos petróglifos, que o emprêgo da pedra, como utensilio eficiente, não explica de modo satisfatório.

Em presença destas reflexões, parece-me que é de presumir que as mais antigas violações das antas tiveram por motivo, quasi ex-

¹ *Portugalia*, I, 18.

² *Instituto*, vol. LXXIII, 1926, p. 473.

clusivo, a procura do cobre que muitos encerravam, tal como hoje os ciprianistas, que remexem as mesmas antas e outros lugares antigos na pesquisa do ouro, se bem que a proficiência do trabalho seja bem diversa. Escrevendo das cistas de *Panôias*, diz o Sr. D.^o Leite de Vasconcellos que é notável que, existindo nos arredores daquela povoação tantas sepulturas da idade do bronze, não apareçam com frequência no sítio artefactos deste metal ou de cobre (*O Arch. Port.*, XIII, 309). Vieira Natividade, ocupando-se das notáveis grutas de *Alcobaça*, grutas tôdas revolvidas, não está longe de supor que essa profanação foi efectuada pelas posteriores civilizações em busca de armas ou outros quaisquer instrumentos (*Portugalia*, I, 462).

Se fôr acertada a hipótese, não menos segura é a afirmação de que a falta de cobre em um megálito não é atestado suficiente para o classificar de neolítico. Pode ter desaparecido o cobre e ficarem testemunhas deste, como é o caso presente, com o achado das duas contas de ribeirite, pondo mesmo de parte o fragmento metálico acima mencionado, e o do vaso de colo côncavo, mais importante como indicação do que a própria peça metálica. No dólmen de *Sôto*, que H. Obermaier encontrou intacto, não apareceu cobre, aliás aqui não saqueado, mas nem por isso este eminente pre-historiador deixa de o atribuir ao pleno eneolítico (3:000 a 2:500 anos a. C.).

*

Sem intuito de intercalar este monumento pre-histórico em determinada sistematização dos dólmenes peninsulares, convém todavia fixar os caracteres distintivos da *Pedra Danta*, dentro da sua categoria própria.

Em primeiro lugar, êle é um exemplar típico de arquitectura dolménica, no qual a cripta circular (ou poligonal) é precedida de uma galeria mais estreita, orientada a SE., representando o diâmetro daquela a terça parte do comprimento total da anta; isto é, a extensão linear axial de uma e outra está na proporção de 1:2. Completaria o monumento uma mamôa ou *tumulus*, de que restam vestígios, sem que isto obstasse à existência de petróglifos na face zenital da cúpula da cripta.

Em segundo lugar, no seu espólio petrológico de indústria neolítica, apareceram duas contas de ribeirite e cerâmica fragmentada, sem decoração alguma, de colo côncavo e, além disto, um pequeno pedaço de cobre ou bronze em forma de chapa grossa e lisa.

Aditamento

Por se tratar da mesma região e dar oportunidade à divulgação de notícias pre-históricas, que de outro modo ficariam inéditas, transcrevo duas cartas de amigos meus, um ainda vivo, mas infelizmente flagelado por cruel cegueira, e outro já falecido, mas com saúde lembrado.

I

Anta na freguesia de Salgueiro, Fundão

«Na margem esquerda da ribeira de *Meimôa*¹, 100 ou 150 metros desviada da corrente, nos limites da freguesia do *Salgueiro*, concelho do *Fundão*, notava-se há muito uma pequena elevação do



Fig. 30



Fig. 31

terreno. No meio da elevação viam-se, cobertas de musgo, umas pedras de granito, que nada indicavam, a não ser restos de parede antiga. O dono do prédio, precisando das pedras para uma obra que tinha em construção e escasseando o granito naquela região, mandou escavar com o fim de arrancar as pedras, que estavam à vista. Os primeiros trabalhos mostraram logo que as pedras eram mais do que eu supunha e muito maiores do que se calculava, pois tinham de comprimento perto de três metros e de largura quasi um, sendo umas 7 ou 8 e com uma pequena inclinação para o centro. Foi no centro desta concavidade, completamente entulhada, que apareceram uns machados, como

o que vai junto e um bocado de sílex em forma de faca, que os trabalhadores partiram e dividiram para lhes servirem de pederneiras. Hoje só existem no local 4 pedras na primitiva posição e o fôssco aberto pelo lado sul. Nas pedras que restam nada há de notável, a não ser três riscos numa delas. Esta escavação foi feita em 1895 e 1896. — *Albano de Oliveira Frazão*».

Nota. — Com a mesma carta, este meu amigo enviava o desenho de um machado de pedra e uma faca bifacetada de sílex do *dólmen*

¹ Locativo bem eloquente, e, curiosa insistência toponímica! Em outra carta posterior a esta (1905) dizia o seu autor que a faixa de terreno junto da ribeira se chamava *As antas*.

da *Atalaia*, freguesia de *Sarnadas*, concelho de *Castelo Branco*. O machado media 0^m,152 de comprido e 0^m,44 de largura; a faca 0^m,127 de comprido e 0^m,032 de largo, com uma extremidade mutilada, e pertenciam, juntamente com outra faca que se extraviou, ao Sr. José de Aragão Costa Lacerda. Figs. 30 e 31.

(Cf. T. de Proença, *Arch. do distrito de Castelo Branco*, p. 3).

II

Anta pequena de Medelim

«Aí vão os desenhos das duas pontas e do núcleo. Uma é de sílex (fig. 32). A outra é de quartzo hialino (fig. 33). O núcleo é de quartzo hialino também (fig. 34) e todas as figuras são de tamanho



Fig. 32



Fig. 33



Fig. 34

natural. Foram encontrados estes objectos na exploração que fiz na Anta pequena de *Medelim* no dia 30 de Setembro de 1904. Não lhe mando reprodução fotográfica por já não ter aqui nada montado, pois levo o aparelho para Coimbra.—*Francisco Tavares Proença*».

(Cf. T. de Proença, *ob. cit.*, p. 10).

A denominação dêste monumento estava em correspondência com aquele que descrevo no presente estudo.

Nota.—A maior parte dos desenhos, inclusivamente a conta colorida, e quasi todas as fotografias são do Sr. Francisco Valença, exímio desenhador do Museu. A fotografia da fig. 1 e os desenhos das figs. 2, 3, 4, 10, 24, 29 e 30 a 34 são do autor.

Maió de 1928.

F. ALVES PEREIRA.